



# A BASTARDA DE DEUS

A Bíblia e a cultura da violência contra a mulher

---

Júlio Chiavenato

**Noir**

## A BASTARDA DE DEUS

A Bíblia e a cultura da violência contra a mulher

Júlio Chiavenato

Edição: Gonçalo Junior

Revisão: Neide Nogueira

Capa e projeto gráfico: Dirceu Rodrigues

Editora Noir Ltda

Praça da Sé nº 21/conjunto 410

Bairro da Sé - São Paulo - SP - 01001-000

N28

Site: [www.editoranoir.com.br](http://www.editoranoir.com.br)

E-mail: [contato@editoranoir.com.br](mailto:contato@editoranoir.com.br)

Facebook: [facebook.com/editoranoir](https://facebook.com/editoranoir)

Instagram: [@editora\\_noir](https://instagram.com/@editora_noir)

Impresso no outono de 2021

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chiavenato, Júlio

A bastarda de Deus : a Bíblia e a cultura da violência contra a mulher / Júlio Chiavenato. -- São Paulo : Noir Editora, 2021.

ISBN 978-65-89482-03-1

1. Mulheres - Aspectos religiosos 2. Mulheres - Comportamento 3. Mulheres na Bíblia 4. Opressão na Bíblia 5. Papéis sexuais - Aspectos religiosos  
I. Título.

21-62791

CDD-220.83054

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres na Bíblia 220.83054

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Pedidos com frete grátis: [www.editoranoir.com.br](http://www.editoranoir.com.br)

## Sumário

6	Introdução
<b>9</b>	<b>Primeira parte</b>
10	Capítulo 1 - A mulher é filha de Deus?
16	Capítulo 2 - A mulher como filha
23	Capítulo 3 - A mulher como esposa
48	Capítulo 4 - A mulher adúltera e prostituta
58	Capítulo 5 - A mulher como mãe
68	Capítulo 6 - A mulher como tentação e símbolo
77	Capítulo 7 - O sexo é a mulher
105	Capítulo 8 - O conceito de mulher
112	Capítulo 9 - Jesus e as mulheres
<b>117</b>	<b>Segunda parte</b>
118	Introdução
121	Capítulo 10 - Machos, sábios e santos
144	Capítulo 11 - Casamento, virgindade, adultério
161	Capítulo 12 - Emancipar, alfabetizar, votar
176	Capítulo 13 - Violência, regilião, fetiche
188	Capítulo 14 - Masturbação, prostituição, homossexualismo
228	Capítulo 15 - O prazer santificado
236	Referências bíblicas
245	Bibliografia

## Introdução

A primeira parte deste livro particulariza a imagem da mulher na BÍBLIA (no final, há uma relação de todos os textos bíblicos que citam a condição feminina e serviram de base para esta pesquisa). A segunda parte é uma investigação histórica em decorrência dos preconceitos originários da religiosidade e do uso e abuso do poder econômico e político na opressão feminina.

Já foi repetido exaustivamente que a BÍBLIA possibilita várias leituras. E, com frequência, é um conjunto de livros que não devem ser entendidos literalmente. Deve ficar claro que este não é um estudo sobre a BÍBLIA, mas sobre a imagem da mulher projetada pelos seus textos.

Qual a importância de pesquisar na BÍBLIA a imagem da mulher? A BÍBLIA foi composta há dezenas de séculos, o que tem a ver com a condição feminina atual?

Acontece que os preconceitos que hoje atingem a mulher continuam basicamente os de sempre. Os resultados práticos também: a mulher é socialmente inferiorizada, ela “pertence” ao homem. As sociedades contemporâneas são masculinas e, mais que masculinas, masculinizadas e machistas.

É evidente que através dos séculos essa forma de dominação tem variado. Mas o seu conteúdo é o mesmo: a mulher é submissa, o homem decide, ela é o “sexo frágil”. Qual a origem disso?

A questão é complexa. Inclui harmonizar várias respostas para chegarmos mais perto das razões que levaram o homem a oprimir a mulher.

A imagem que a BÍBLIA projeta da mulher é um dos mais fortes condicionantes dessa opressão e que se perpetua através dos séculos e de gerações.

É evidente que a submissão da mulher não é provocada unicamente pela imagem que a BÍBLIA projeta. Os seus escritores refletem os interesses e exigências das suas sociedades e do seu tempo, com ideias morais, sociais e, claro, religiosas – todas decorrentes da estrutura sociopolítica do sistema de poder, como acontece hoje.

Mas, uma vez tudo incluído na BÍBLIA e dela projetando-se na sociedade, condicionou-se ideologicamente um conceito sobre a mulher. Criou-se uma imagem, que perdura durante mais de dois milênios, destacando-se preconceitos que infelicitam a vida de milhões de pessoas – homens e mulheres.

Este livro procura encontrar esta imagem, na BÍBLIA. E continua, ao rever como através dos tempos a chamada “sociedade civil” incorporou e ampliou os preconceitos que sustentam a submissão da mulher. Os resultados são surpreendentes.

# PRIMEIRA PARTE

## Capítulo 1

### A mulher é filha de Deus?

**S**egundo uma lenda judaica, Deus consultou duas assembleias de anjos antes de criar o homem. Ambas lhe disseram que o homem não teria sentido na Terra, somente iria conspurcá-la. Irritado, Deus fulminou os anjos com fogo. Convocou uma terceira assembleia. Os anjos, ao sentirem o cheiro de carne angélica tostada, vacilaram diante do Todo-Poderoso. “Vocês acham que eu devo criar o homem?”, perguntou-lhes Deus.

O porta-voz dos anjos concluiu que não era saudável contrariar tanta teimosia: “O universo é seu, ponha nele o que quiser”. Satisfeito com o conselho tão espontâneo, Deus tratou de criar o homem. Enquanto ele produzia sua cria, os anjos observavam. Uns diziam que não sairia boa coisa, outros davam um voto de confiança, com um lacônico “Quem sabe!?”

O anjo chamado Verdade comentou: “Deus não deveria criar o homem, pois ele será pura mentira”. Deus, que tudo vê e tudo ouve, irritou-se e lançou o anjo Verdade sobre a Terra, transformando-o em pó. Advertiu aos outros: “Não discutam, o homem já está criado”.

Feito o homem, era preciso alguém para servi-lo. Teria que ser uma pessoa humana boa e recatada, disposta à obediência. “É isso, vou fabricar a mulher!”, resolveu Deus, dessa vez sem ouvir o palpite dos anjos. Os anjos daqueles tempos eram atrevidos e criticavam a obra divina. Ora,

Deus era bom e não gostava de ficar queimando aqueles ingratos, por isso, mandou-os bater asas em outros céus e planejou a mulher.

Desde o começo, a mulher tem de ser submissa, pensou o Divino. Decidiu que ela seria uma parte do homem. Mas qual parte? Não quis fazê-la da cabeça, para que ela não ficasse orgulhosa, achasse que podia pensar por si própria. Do olho também não, para evitar que ela bisbilhotasse em demasia. Da orelha muito menos, pois ela daria ouvidos a qualquer um.

Nem pensar em fazê-la da boca, para que ela não falasse demais. Se a fizesse do coração, ela ficaria cheia de vontades. Da mão seria impossível, pois ela pegaria tudo. Menos ainda do pé, para que ela não vagasse por toda parte. Como queria uma mulher comportada e fiel ao homem, resolveu pela costela.

A costela – pensou Deus – é um órgão discreto, não aparece mesmo quando o homem está nu. O homem dormiu, Deus tirou-lhe uma costela e modelou a mulher. A cada parte que completava, dizia: “seja pura, seja devota”. Quando acabou, teve suas dúvidas: afinal, aquilo era uma mulher, quem pode prever o que ela fará?

Mas o homem despertou e gostou da companheira. “Ossos dos meus ossos, carne da minha carne!”, disse entusiasmado e a abraçou. Percebeu que ela era igual a ele (mais macia) e deu-lhe o nome: “Vou chamar-lhe Homenzinha, pois você se parece comigo”. Então, a mulher cometeu o seu primeiro pecado, ao retrucar: “Meu nome é Eva!”. Deus nada mais pôde fazer. Olhou aborrecido para o homem e disse-lhe: “E você é Adão”.

Começou a história que todos conhecem. Adão e Eva viviam no Paraíso, em plena inocência. Andavam nus, não sentiam frio nem calor, não trabalhavam, não faziam esforço algum. Nunca morreriam, viveriam para sempre no gozo da felicidade interminável. Mas Deus também criou outros seres que viviam harmoniosamente. Eram bichos de penas, de pelos, de patas, de escamas, de couro, enfim, a animalada toda. E no meio deles, na condição de quem desfrutava tudo com os reis da Terra que eram Adão e Eva, a serpente.

Vocês sabem, a serpente é feminina, como a víbora e a cobra. Não existem o serpento, o víbora, o cobro. Quando necessário, pelas intrin-

cadras leis da natureza, a serpente se transmuda de fêmea em macha para perpetuação da sua ignóbil espécie. Bem, viviam todos felizes no Paraíso, quando a serpente resolveu acabar com a paz.

O Paraíso era um pomar de delícias e flores, desses que ninguém é capaz de imaginar. E no meio dele ficava a Árvore da Sabedoria. Deus disse, todos podiam comer de tudo, menos do fruto daquela árvore. “O negócio está aí”, pensou a serpente. “Vou fazer os humanos comerem do fruto proibido. Mas não devo falar com o homem, pois ele é sábio e não me dará ouvidos. Vou falar com a mulher. Eva é tola, frívola e fácil de tentar. Pois não é mulher?”. Dito e feito. Mulher dá ouvidos a qualquer um.

Não é preciso completar a lenda judaica<sup>1</sup>, que todos conhecem. Basta recordar que Eva induziu Adão a comer o fruto da árvore proibida. Essa árvore era a figueira e o seu fruto, o figo. Então, Adão e Eva perceberam a sua nudez. E foram de árvore em árvore pedindo folhas para se cobrir. Mas as árvores responderam: “Ora, vocês são os glutões que traíram Deus, não lhes daremos nossas folhas. Se quiserem, peçam à figueira, pois ela lhes deu o fruto, que dê também as folhas”. E assim foi feito.

Foram expulsos do Paraíso, acabou-se a imortalidade feliz, veio o parto com dores, a cobra rastejante e todo o resto que está na BÍBLIA.

Por que começar com a lenda se temos a BÍBLIA à disposição? Deixando de lado a característica lendária também do GÊNESIS, porque as várias narrativas da criação do mundo demonstram com clareza o papel da mulher desde o início. Em todas as religiões, a fêmea é um ser complementar que os deuses criaram para preencher o ócio do homem. Ela é naturalmente a “companheira” do homem, submissa, obediente e despersonalizada.

Ao sair das belas lendas judaicas para o GÊNESIS, encontramos a humanidade decaída, porque Eva “comeu a maçã”. Aliás, de onde saíram a maçã e a folha de parreira? O GÊNESIS sugere que o fruto proibido poderia ser o figo. Não se fala o nome do fruto, jamais se insinuou que fosse a maçã.

<sup>1</sup> Existem muitas versões na literatura judaica – em hebraico, iídiche, ladino e outras línguas – da lenda da criação de Adão e Eva. Em VÁRIAS HISTÓRIAS, Machado de Assis, no conto ADÃO E EVA, prova que foi o Diabo quem criou não só a mulher, mas o mundo.

Eva disse à serpente que não podiam comer da árvore que estava no meio do jardim. A serpente venceu: Eva e Adão comeram o fruto proibido e sentiram-se nus. GÊNESIS 3,7 conta que eles “entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram”<sup>2</sup>.

A lenda é mais rica do que o GÊNESIS para contar o que veio depois. Deus repreendeu Eva. “Não bastou o seu pecado e também fez pecar Adão?”, disse-lhe. Eva explicou matreiramente que a culpa não foi dela. “De quem?”, perguntou Deus. “Da cobra!”, ela respondeu. Deus ficou irritado com o descaramento de Eva e depois de punir Adão e a serpente, encarregou-se dela. Eva teve as nove maldições e perdeu a imortalidade.

Além disso, para nunca esquecer que era mulher, Deus lhe infligiu o castigo da menstruação: de tempos em tempos escorreria sangue do seu ventre. Ao ter filhos sofreria dores horríveis. Teria que criá-los com muito trabalho. Manteria os cabelos sempre cobertos e só os mostraria quando se tornasse prostituta, pois ela era bem capaz disso. Suas orelhas deveriam ser furadas como a dos escravos. Como ela era muito vaidosa, porém, fez desse castigo uma ostentação e pendurou brincos nos furos das orelhas. Cada vez mais irritado, Deus disse-lhe que ninguém lhe daria crédito e ela seria sempre suspeita, pois era mentirosa e infiel.

É bom que se diga que Eva já vinha sendo infiel a Adão antes que ele a “conhecesse”: Caim não é filho do homem, é filho da mulher. Deu-se que Eva, antes de “conhecer” Adão, “uniu-se” com o anjo cavalgador da serpente, Semael, que engravidou Eva e nasceu Caim.

Só depois Adão “conheceu” a pérfida Eva e gerou Abel, este sim, filho do homem, que foi assassinado pelo filho da mulher. Quando Caim e Abel nasceram, nasceram também suas irmãs gêmeas. Como não havia outras mulheres no mundo, eles as desposaram.

A lenda origina-se na cultura popular e costuma ser mais explícita ao revelar certos preconceitos. No caso dessas interpretações populares tradicionais no judaísmo, não se trata realmente de uma deturpação do GÊ-

<sup>2</sup> Se preferirmos ver essa narrativa como simbólica, sem dúvida, não é preciso esforços hortifrutigranjeiros para descobrir qual é o “fruto proibido”. O que Adão comeu não foi figo, maçã ou uva, mas o “fruto” da própria Eva.

NESIS, mas de um acréscimo dos pormenores que parecem faltar no texto bíblico. Não se inventa nem se corrompe a história bíblica da criação, completa-se com particularidades que revelam muito mais que o texto supostamente original os condicionamentos que oprimem a mulher.

O caso do anjo Semael e Eva fica por conta da lenda, mas o GÊNESIS não garante que Adão foi o pai dos seus dois filhos. Na verdade, o GÊNESIS deixa indefinido se Abel é realmente o filho de Adão. O capítulo 4 começa com a afirmação de que “o homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim (...). Depois ela deu à luz Abel, irmão de Caim”. Não afirma que Abel também era filho de Adão.

A história da criação serve menos para demonstrar como Deus criou o mundo – um mito de várias religiões –, e mais para expor regras sociais e condutas humanas adequadas. Dentro dessas regras e condutas, forjam-se os limites da mulher.

As lendas entendem bem esse processo e tornam explícita a maldade feminina e mostra a natureza dessa fonte de pecado, para que se criem mecanismos de controle justificados moralmente. Assim, a opressão é natural, preventiva. Nasceram histórias mais verdadeiras que os fatos, que justificam o conceito que se faz da mulher.

Por exemplo, por que Caim matou Abel? Não se esqueçam, estamos no terreno do lendário. Não foi apenas por ciúme e maldade. Também foi por luxúria, pois, sua mulher e irmã era feia. E a mulher e irmã de Abel era bonita. Caim matou Abel para ficar com a mulher dele, pois a desejava. Dessa forma, o primeiro crime na Terra foi por causa da mulher. Pela beleza da mulher Caim matou Abel.

Há uma interpenetração de realidade social, leis religiosas, crendices e lendas folclóricas, que reflete os preconceitos culturais que determinam a condição feminina a partir da BÍBLIA. Isso não é uma divagação, mas a tentativa de entender como a imagem da mulher (re) projetou-se dos textos bíblicos para a realidade social e criou um imaginário popular.

Quem não ouviu alguma vez o provérbio “mulher, teu nome é vaidade”? Este, como tantos, foram inspirados pelos profetas bíblicos. Não se admira que as lendas judaicas “inventem” tanta vilania feminina, pois têm

à disposição, além dos preconceitos sociais, os próprios livros sagrados fornecendo riquíssimo material.

Segundo o GÊNESIS 6,1-4, a mulher não é filha de Deus: é filha do homem. O GÊNESIS observa que quando os homens começaram a ficar numerosos “e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas”. Então, começaram a desejá-las e tomá-las como mulheres.

Como se lembra, os “filhos de Deus” eram anjos, que, por cobiçarem as “filhas dos homens”, foram expulsos do céu. Da união entre os “filhos de Deus” e as “filhas dos homens” nasceram gigantes e monstros, os “nefilim”, que “foram os heróis dos tempos antigos”. Por isso Deus, que passou a chamar de Javé, como os textos judaicos, impacientou-se e resolveu que o homem não viveria eternamente, mas apenas cento e vinte anos.

Javé observou que o homem é carne, portanto, não merecia confiança. O que mais o desagradou foi o homem conhecer a mulher e desejá-la justamente porque ela era carne. Este pequeno trecho do GÊNESIS demonstra bem a situação de inferioridade da mulher, que não é considerada uma criatura de Deus, mas do homem: “(...) quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes davam filhos (...)”.

## Capítulo 2

### A mulher como filha



Segundo o ECLESIÁSTICO 22,3, o filho mal-educado pode ser um problema, mas a filha sempre traz confusão: “Um filho mal-educado é a vergonha do pai, mas uma filha nasce para sua confusão”. Espera-se que a filha pelo menos seja sensata para conseguir um marido. A filha audaciosa envergonha o pai e, por isso, deve ser tratada duramente, pois “chicote e disciplina, em todo tempo, são obras da sabedoria”. Ela precisa ser bem instruída para não expor seu pai ao ridículo. É o que afirma Ben Sirac no ECLESIÁSTICO 42,9-11:

*Sem o saber, uma filha causa a seu pai inquietações;  
O cuidado por ela tira-lhe o sono;  
Se jovem, que ela não passe do tempo de se casar;  
Se casada, que ela não se torne odiosa;  
Se virgem, que ela não seja profanada;  
E não fique grávida na casa paterna.  
Tendo um marido, que ela não erre;  
Casada, que ela não seja estéril.  
Fortifica a vigilância sobre uma filha audaciosa,  
A fim de que ela não faça de ti motivo  
De irrisão para teus inimigos,*

*O assunto da cidade, a chacota do povo,  
E não te desonre aos olhos de todos.*

O pai está dispensado de amar as filhas: a função paterna é educá-las para a comunidade; na pedagogia daqueles tempos o amor não contava. Quando muito, há um sentimento de “honra” em relação à filha: quando ela é ultrajada o pai sai em defesa da sua (dele) honra, que foi insultada através da filha.

A filha é quase sempre um instrumento familiar para se alcançar alianças pelo casamento. Por isso, ela tem que ser mantida “pura”, não pode ser “desonrada” para não perder o valor de troca nos contratos matrimoniais. Uma filha “audaciosa” certamente desgraça o pai, porque ele – e a família – desmoralizam-se na comunidade, diminuiu sua possibilidade de fazer alianças.

A ideia de que a “filha mulher” é para casar é tão antiga quanto as velhas escrituras hebraicas. As filhas não devem ser tratadas com muito carinho e devem ser entregues a um marido honesto. Nisso, resume-se o dever dos pais, segundo o ECLESIÁSTICO 7,24-26:

*Tens filhas? Cuida dos seus corpos  
E não lhes mostres um rosto muito jovial.  
Casa a tua filha e terás concluído uma grande tarefa.*

Há uma lógica cruel para colocar a filha no seu “devido lugar”. As diferenças entre o filho e a filha começam no instante em que nascem. Nem é preciso lembrar as várias concepções milagrosas: quando Javé permite velhas ou virgens engravidarem e faz anciões impotentes gerarem, sempre nascem filhos. Nenhuma filha foi gerada diretamente por Deus ou pelos anjos, como João Batista e Jesus, para ficar só nos casos mais conhecidos. A filha nasce marcada pela sua condição feminina maldita – além de frustrar a expectativa do pai, ela vem ao mundo para provocar maiores sofrimentos à mãe do que o filho.

O capítulo 12 do LEVÍTICO afirma que “Se uma mulher conceber e der



à luz um menino, ficará impura durante sete dias, como por ocasião da impureza das suas regras. No oitavo dia, circuncidar-se-á o prepúcio do menino e, durante trinta e três dias, ela ficará ainda se purificando do seu sangue”.

Mas se nascer uma menina, é preciso um tempo maior para purificar-se – as fêmeas têm a característica de “manchar” mais: “Se der à luz uma menina, ficará impura durante duas semanas, como durante as suas regras, e ficará mais sessenta e seis dias purificando-se do seu sangue”. São quarenta dias para purificar-se do parto do macho e o dobro, oitenta dias, para purificar-se da fêmea.

Portanto, nascia aumentando o sofrimento da mãe. Crescia como indesejada. Criava-se para servir e casar. Às vezes, valia menos que as cabras da família. E podiam ser oferecidas para aplacar o ânimo dos malfeitores nas situações mais sórdidas. Em momentos importantes da história bíblica a filha valeu menos do que a hospitalidade.

O GÊNESIS conta a história dos dois anjos disfarçados de homens que visitaram Gomorra e receberam a hospitalidade de Ló. Mal os anjos deitaram-se, alguns aldeões bateram à porta e perguntaram: “Onde estão os homens que vieram para tua casa esta noite? Traze-os, para que deles abusemos”, segundo a tradução da BÍBLIA de JERUSALÉM, das Edições Paulinas.

A tradução da PASTORAL, da mesma editora, é mais clara: “Traga-os, para que tenhamos relações com eles”. Ló implorou aos homens que deixassem os visitantes em paz, 19,8: “Ouvi: tenho duas filhas que ainda são virgens; eu vou trazê-las: fazei-lhes o que bem vos parecer, mas a estes homens<sup>3</sup> nada façais, porque entraram sob a sombra de meu teto”.

Nesse tempo, a virgindade e a honra tinham menos importância que o dever da hospitalidade. Mesmo quando estava em jogo as filhas do anfitrião. Note-se que o anfitrião não era um qualquer: Ló era um justo, privilegiado de Javé. Na escaramuça que se seguiu, os anjos cegaram os agressores. Esse episódio causou a indignação de Javé que destruiu a cida-

<sup>3</sup> Ló não sabia, ainda, que aqueles visitantes eram anjos disfarçados.

de, avisando Ló para abandoná-la antes, “sem olhar para trás”<sup>4</sup>.

Um episódio parecido é narrado em JUÍZES 19,16-30. O “levita de Efraim”, acompanhado de sua concubina, peregrinava em busca da esposa, quando foi recepcionado por um velho de Gabaá. Quando estavam acomodados, surgiram “alguns vagabundos da cidade, fazendo tumulto ao redor da casa e, batendo na porta com golpes seguidos, diziam ao velho, dono da casa: Faze sair o homem que está contigo, para que o conheçamos”.

Novamente o texto da PASTORAL não deixa dúvida: “(...) queremos aproveitar dele”. O velho de Gabaá reagiu como Ló: “Não, irmãos meus, rogo-vos, não pratiqueis um crime. Uma vez que este homem entrou em minha casa, não pratiqueis tal infâmia. Aqui está minha filha, que é virgem. Eu a entrego a vós. Abusai dela e fazei o que vos aprouver, mas não pratiqueis para com este homem uma tal infâmia”.

Em JUÍZES fica mais claro que a mulher pode ser estuprada para que não se sodomize o homem – é o dever de hospitalidade, muito mais forte do que a defesa da honra e da vida das filhas. Mas o “levita de Efraim” antecipou-se ao dono da casa e entregou sua concubina aos homens que o ameaçavam. Em 18,25: “Então o homem tomou a sua concubina e a levou para fora. Eles a conheceram e abusaram dela toda a noite até de manhã, e, ao raiar a aurora, deixaram-na. Pela manhã a mulher veio a cair à porta da casa do homem com quem estava o seu marido, e ali ficou até vir o dia”.

Ela estava morta. Ele voltou para casa, levando-a no jumento e, “ao chegar, apanhou um cutelo e, pegando a concubina, a retalhou, membro por membro, em doze pedaços, e os remeteu a todo o território de Israel”. Este episódio deu origem a várias sanções contra os benjaminitas, o que provocou uma série de acontecimentos em que as mulheres perdem sempre, e culminou com o rapto de quatrocentas virgens para os homens da tribo de Benjamim.

<sup>4</sup> Aliás, a destruição de Sodoma e Gomorra é pretexto para demonstrar como a mulher é um animal curioso. Embora Javé tenha advertido, “a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal”. Esse episódio tem sido um dos maiores “argumentos” de que a curiosidade é um “defeito” feminino.